

Na ficção, uma outra realidade.

Romances e novelas revelam o mundo de trapagens, pressões, fraudes e péssimas condições de trabalho que às vezes há por trás da exemplar economia japonesa.

□ Por Andrew Pollack

A imagem industrial que o Japão gosta de apresentar ao mundo é a de uma economia na qual trabalhadores diligentes dedicam a vida à companhia que os emprega; as decisões administrativas são tomadas por consenso e as redes de empresas subsidiárias trabalham em conjunto pelo bem comum.

Mas, para ter uma visão mais real — e sombria — do que é a vida corporativa no Japão, os estrangeiros deveriam ler as populares obras de ficção japonesas, em particular as chamadas “novelas econômicas”, onde descobrirão um mundo de punhaladas pelas costas, golpes de diretoria, táticas de pressão, fraudes e péssimas condições de trabalho — em resumo, um retrato sem rebuços do tão alardeado sistema empresarial da nação, que raramente é visto nos jornais ou em livros escolares.

Nos Estados Unidos também há um tipo de ficção a respeito do setor comercial, como o livro *The Money Changers*, de Arthur Haley. Mas não é de surpreender que no Japão, nação cuja vida gira em torno do trabalho, a novela econômica se tenha convertido em gênero distinto de literatura, como a ficção científica ou as novelas de mistérios.

Esse é o caso de *O Keiretsu*, best seller do ano passado sobre uma companhia fictícia, Tóquio Motors. Afirma-se que a história se baseou em um cartel da vida real, liderado pela Nissan Motor Co., em uma época em que o Keiretsu japonês — rede de fornecedores associada a um gigante industrial — é considerado o fator responsável pela competitividade japonesa. A novela mostra um retrato sombrio de como esses fornecedores cativos são explorados pela empresa cliente.

TEMAS VARIADOS

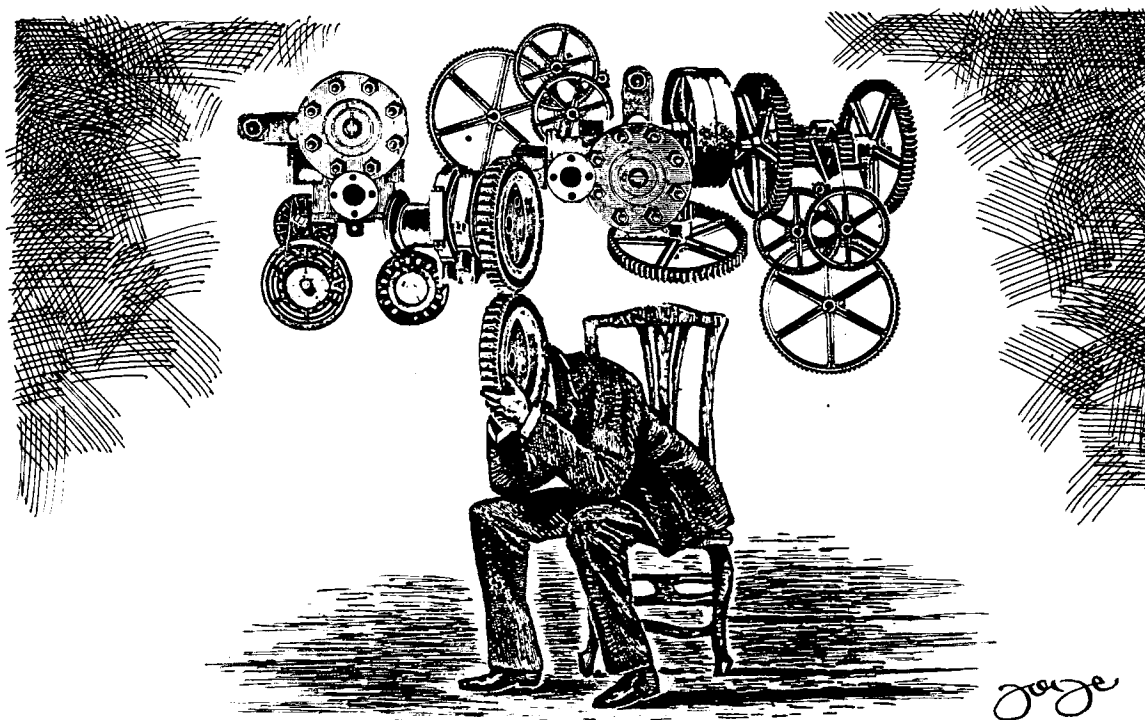
Para aumentar seus lucros, que estão diminuindo, a gigantesca companhia automobilística Tóquio Motors pressiona seus fornecedores, querendo convencê-los a reduzir seus preços ao mínimo. O principal executivo da Taisei Lighting, empresa fornecedora de faróis, resiste às pressões e tenta adiar sua aposentadoria obrigatória até poder deixar o filho como seu sucessor. Se a Tóquio Motors forçar sua aposentadoria e puser um homem de sua confiança na direção da Taisei, poderá reduzir a zero os lucros da empresa menor.

“Na novela econômica o leitor encontra histórias reais que não encontra no jornalismo”, declarou Makoto Sakata, escritor de romances comerciais que não são de ficção.

Ou, como afirma Ikko Shimizu, autor de *O Keiretsu*, “é impossível descrever a vida real do Japão sem escrever sobre o drama da comunidade comercial”.

Os romances, alguns dos quais são breves, enquadrando-se melhor na definição de novelas, têm títulos como *O Silêncio do Setor de Relações Públicas*, ou *Enfermaria dos Estafados pelo Excesso de Trabalho*, ou, ainda, *Novela do Banco Industrial do Japão*, um épico em cinco volumes. Esses livros tratam de temas variados como a construção de uma refinaria, morte do funcionário por excesso de trabalho, política de empresa, complexas manipulações de ações e disputas comerciais.

E também tratam de escândalos. Nos anos



recentes, o Japão foi abalado por uma série de escândalos envolvendo transações ilegais com ações, suborno de políticos, associações entre empresas e quadrilhas de criminosos. Aparentemente todos esses escândalos foram convertidos em novelas econômicas, com os nomes dos personagens trocados por nomes fictícios.

“As novelas econômicas são as *enka* dos administradores de escalão médio”, disse Sakata, referindo-se às baladas de amor perdido e reencontrado, muito populares no Japão. “Eles sempre têm a sensação de nutrir amor unilateral pela empresa, que quase sempre os trai”.

Na história *Santuário de Prata*, de Shimizu, por exemplo, as luzes são apagadas, na festa de fim de ano, na filial de um banco, enquanto um administrador de escalão médio da filial é arrastado para fora e lançado escadas abaixo. Shimizu descreve o incidente como “uma sinistra rebelião das vítimas contra a instituição que as forçou a um tipo de uniformidade, na qual ninguém deve se destacar, ser elogiado ou censurado; ninguém deve ser citado no noticiário de jornais; todos devem esforçar-se para não se comprometer com a virtude nem com o vício.”

Há as novelas inspiradas como *Uma Vida em Chamas*, na qual Ryo Takasugi relata o drama de um engenheiro que trabalha noite e dia para instalar um sistema de controle computadorizado em uma nova refinaria, ocultando dos colegas a diabetes que o está deixando cego. Quando o engenheiro morre, aos 45 anos, seu chefe interrompe uma reunião, fecha-se no escritório e explode em lágrimas.

CASOS REAIS

As novelas econômicas começaram a se tornar populares no fim da década de 50, com os livros de Saburo Shiroshima, professor de Economia. Um de seus primeiros livros, *Made in Japan*, trata do tema que preocuparia o Japão durante boa parte das décadas seguintes:

O presidente de uma fábrica japonesa de termômetros tenta impedir que os Estados Unidos imponham tarifas aos termômetros do Japão, apesar do compromisso assumido pelas demais companhias japonesas de restringir voluntariamente suas exportações. No final, os americanos determinam que todos os produtos impor-

TRECHOS DE O KEIRETSU

Devemos mandar um novo presidente para vocês?”, perguntou Abe com ar despreocupado, como se estivesse jogando um osso a um cão.

“A Tóquio Motors mandar alguém para ser nosso presidente?”

“Deixe-me explicar. O senhor quer que seu filho seja o futuro presidente, não quer?”

“Sim, se possível, no futuro”. Shigeya viu-se respondendo ao súbito ataque de Abe com nervosismo. “O senhor quer dizer que está pensando em mandar alguém para tomar o meu lugar?”

“É só uma idéia... Só para cuidar de tudo até que seu filho esteja pronto. Quando ele estiver pronto, nós o ajudaremos a se tornar o presidente da empresa. O que acha?”

Shigeya soltou o ar que retivera nos pulmões enquanto ouvia a resposta evasiva de Abe.

O desempenho da Tisei não era mau. Uma empresa assim poderia ter-se tornado um alvo interessante para a indústria automobilística. Se pudesse instalar um presidente que fosse seu titer, a Tóquio Motors teria controle direto sobre a lucrativa empresa fornecedora. Assim, teria carta branca para forçar a empresa a reduzir drasticamente os preços dos produtos que fornecia à empresa automobilística. Os motivos de Abe estavam mais do que claros. Dificilmente essa idéia teria surgido naquele momento.

9 h 30. Shigeya olhou o relógio e abriu a reunião de diretoria. “Bem, comecemos a reunião. Os assuntos de hoje são...”

“Presidente,” Doi levantou a mão, no outro extremo da mesa, e pôs-se de pé abruptamente, sem esperar que Shigeya acabasse de falar. “presidente, eu gostaria de apresentar uma moção urgente. Peço a remoção do sub-diretor presidente Hama do seu cargo. Como o Sr. Hama será o tema da discussão, peço que a sessão seja presidida pelo presidente Baba.”

Imediatamente, quatro diretores administrativos, Goto, Jiki, Ishida e Endo, aprovaram nervosamente a retirada do vice erguendo a mão.

Shigeya ficou atônito.

Não sabia ao certo o que estava acontecendo. Parecia que ele estava sendo removido da presidência preventivamente.

Profundamente abalado, olhava o rosto dos sete homens, que se puseram de pé, um a um. Sentindo o olhar do presidente, eles olhavam para outro lado.

“Presidente, o que é isso? Essa atitude é ultrajante!” Kanda acenou com a mão protestando e tentando atrair a atenção de alguém.

“Os que são a favor, por favor fiquem de pé”, disse Baba, ainda em pé, exigindo maior apoio, sem dar atenção ao protesto de Kanda.

tados deste país sejam identificados com os dizeres Made in Japan — o que representa quase uma garantia de que os produtos não serão vendidos nos EUA.

Dezenas de escritores aderiram às novelas sobre empresas e seus funcionários. Alguns trabalharam para companhias como a Japan Air Lines e a Hitachi. Outros são ex-jornalistas. Takasugi, um dos escritores mais destacados e prolíficos, fez o boletim de uma indústria química até 1974, quando tirou um ano de licença, por motivo de saúde. Nesse período ele escreveu a primeira de suas 46 novelas. Ele faz inúmeras entrevistas ao escrever essas novelas, obtendo informações sobre casos reais, e outros dados importantes. “Não escrevo nada que não poderia acontecer na realidade”, declarou. “Tudo o que relato ou aconteceu ou teria grandes probabilidades de acontecer”.

ESCÂNDALOS

Shimizu, que está com 61 anos, trabalhou como jornalista e, em determinada ocasião, trabalhou para um sindicato. Ele afirma ter escrito no mínimo 200 novelas — algumas comerciais, e outras de mistério.

Especialista na denúncia de casos de corrupção administrativa e de escândalos, ele emprega alguns repórteres — que também podem trabalhar para jornais ou revistas. Segundo explicou, para ele é impossível entrevistar as pessoas nas empresas, por ser muito conhecido.

A idéia de *O Keiretsu* nasceu da leitura de artigos de jornais, segundo o escritor. O presidente de uma fornecedora da Nissan foi expulso da empresa, em meio a uma revolta na sala de reuniões da diretoria, e depois processou a administração da companhia. Tanto o presidente expulso quanto seu filho cooperaram com Shimizu, com o objetivo de deixar registrado o que aconteceu.

“Meu pai não poderia explicar ao seu neto o que houve, mas se alguém relatasse os fatos em uma novela, esta poderia ajudá-lo nas explicações”, disse o filho do presidente, em entrevista, acrescentando que os acontecimentos narrados na novela são verdadeiros, na maior parte. O sistema Keiretsu acabou com o espírito empresarial do meu pai. Ele concedeu a entrevista com a condição de permanecer incógnito, porque o pai já havia resolvido a questão com a empresa e não queria mais problemas.

MANUAIS DRAMÁTICOS

Poucas dessas novelas sobre a vida na área empresarial foram traduzidas para o inglês. Na verdade não há certeza, no Japão, de que elas despertariam interesse no exterior. A melhor coletânea publicada nos Estados Unidos em inglês é *Made in Japan and Other Japanese Business Novels*, contendo sete histórias traduzidas por Tamae Prindle, professor de Literatura Japonesa do Colby College, do Maine. Mas à medida que os métodos de administração japoneses começaram a atrair maior atenção, nos anos recentes, as novelas comerciais passaram a representar uma espécie de manual com textos dramáticos. As publicações *Harvard Business Review*, e *Management Today* — boletim britânico, dirigido ao setor comercial — reimprimiram aquelas histórias.

A editora John Wiley & Sons, dos EUA, mostrou interesse em publicar *O Keiretsu* em inglês. Shimizu revelou que a editora lhe pediu que suprimisse o enredo secundário romântico da novela, no qual o filho do presidente sofre por sua noiva, temendo ser um dos responsáveis pela sua morte.

“Se eu cortasse a parte romântica tão drasticamente”, explicou Shimizu, “o livro deixaria de ser um romance”.

O autor escreveu para o The New York Times